



VARIÁVEL FAIXA ETÁRIA – ÍNDICE DE PRESSÃO SOCIAL E/OU MUDANÇA EM CURSO?

Silvia Maria Brandão
(UNESP/SoLAR/CAPES)
silviafclar@gmail.com

X

Resumo: Entre as variáveis sociais largamente estudadas pelos sociolinguistas está faixa etária, que inclui, em sua complexidade, a possibilidade de caracterização de uma variação estável e/ou uma mudança em curso incipiente ou mesmo completa de determinado fenômeno. Em uma análise de tempo aparente (LABOV, 1994), em que avaliamos a alternância de formas verbais em orações condicionais do Português Paulista (BRANDÃO, 2015, 2018), faixa etária mostrou-se uma variável significativa tanto nas consideradas potenciais ($p = 0.01$) quanto nas irrealis ($p = 0.01$) (GIVÓN, 1995). Contudo, seu efeito se deu de forma distinta em cada um dos dois contextos de condicionais, algo que pode ser explicado pelo status das variantes em cada contexto. Nas potenciais, não encontramos uso de futuro sintético (“comprará”); já nas irrealis, há seu uso (“compraria”). A hipótese é a de que estamos diante de estágios distintos de um processo de mudança linguística.

Palavras-chave: Faixa etária. Mudança em tempo aparente. Condicionais.

X

A autora:

Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/Araraquara. É bolsistas CAPES e Membro do Núcleo de Pesquisa em Sociolinguística de Araraquara.

Agradecimentos:

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Como citar este artigo:

BRANDÃO, S. M. Variável faixa etária – índice de pressão social e/ou mudança em curso?.
Revista Diálogos, v. 7, n. 1, 2018

1 Introdução

A busca por padrões de uso linguístico sempre foi uma constante dentro (e não somente) dos estudos variacionistas (LABOV, 2008[1972]), consolidando a heterogeneidade ordenada como premissa básica para aqueles que buscam descrever o fato linguístico. Além disso, partindo do pressuposto de que língua e sociedade são realidades indissociáveis, é sabido que estudar um determinado fenômeno linguístico exigirá não somente um olhar atento para as estruturas internas do fenômeno, mas também uma preocupação com as estruturas sociais que o permeiam.

Sabemos que as discussões sobre os papéis que categorias macrossociais desempenham sobre a escolha do falante pela variante de determinada variável remontam a Labov (2008[1972], 1994, 2001), que postula, para a observação de fenômenos variáveis e, mais precisamente, para a compreensão de processos de mudança linguística, dois tipos de análise: (i) a análise em tempo real (via diacronia) e (ii) a análise em tempo aparente (via sincronia) (LABOV, 2008[1972]).

As pesquisas do tipo (ii), sobre as quais nos deteremos neste texto, refletem distintos estágios de desenvolvimento de um fenômeno na língua a depender da geração da qual cada informante faz parte. É também possível identificarmos, ao invés de uma mudança em progresso via gradação etária, uma variação estável, em que falantes de determinadas idades optam pelo uso de uma variante que é característica do grupo e do contexto do qual fazem parte. Nessa linha, o uso de formas de maior prestígio surge como um capital linguístico (BOURDIEU; BOLTANSKI, 1975), pois essas “precisam” estar inseridas dentro da competência de um falante, dadas as exigências de determinados contextos, grupos ou até mesmo de determinados estágios pelos quais passamos na vida, como o período em que nos encontramos em atividade no mercado de trabalho.

Pensar nos estágios da vida ao longo da cronologia pressupõe o trabalho com a idade ou com a faixa etária dos falantes. É isso que nos propomos fazer. No interior do espectro estrutura linguística, trabalharemos com o fenômeno da alternância verbal em estruturas condicionais potenciais, em orações como “Se eu **tiver/tenho** dinheiro, **compro/vou comprar*** uma ilha”; e irreais, em orações do tipo “Se eu **tivesse** dinheiro, **compraria/comprava/ia comprar** uma ilha”. Em trabalho anterior (BRANDÃO, 2015, 2018), as variáveis utilizadas para a compreensão do fenômeno foram âncora temporal (CÂMARA Jr., 1956), definitude do sujeito prótase-apódose, grau de hipoteticidade, saliência fônica (POPLACK; LEALEIS; DION, 2013), ambiente sintático, identidade lexical, tipologia textual, faixa etária, escolaridade e sexo do informante. Porém, o foco deste texto recai sobre uma variável social em específico, pois privilegiaremos a descrição e a interpretação da variável faixa etária, visto que, entre as sociais avaliadas (escolaridade, idade e sexo), foi a que se mostrou mais significativa ($p = 0.01$).

Vale, de antemão, ressaltar que, ainda que estejamos partindo da noção de alternância verbal[†], reconhecemos a existência de um grande envelope de variação, cujas variantes são as diferentes combinações

* A primeira observação a fazermos refere-se ao fato de não encontrarmos formas sintéticas de futuro do presente no interior das condicionais potenciais (**comprarei**).

† O termo alternância não será usado como sinônimo de variação, porque, embora toda variação pressuponha duas ou mais formas alternantes, nem sempre uma alternância constitui um caso de variação (pois uma forma pode significar X e a outra Y), de modo que,

modo-temporais que ocorrem no universo das condicionais. À medida que a análise avançava, fomos lapidando esse envelope, pois, não raro, havia nuances semânticas em muitas das combinações quando comparadas umas às outras. A diferenciação e a inserção das orações nos três contextos distintos de condicionais (reais, irreais e potenciais), largamente avaliados na literatura (NEVES, 1999, 2000; GRYNER, 2008, 1990), mostraram-se, assim, o primeiro passo para operacionalizarmos a análise. Partimos do pressuposto de que, dentro de um conjunto de condicionais em que formas verbais se alternam, há formas em variação que podem ser delimitadas por meio de paráfrases (GRYNER, 2008, 1990; NEVES, 1999) a fim de se testar se o pressuposto se mantém inalterado (STALNAKER, 1978; 2002).

Além disso, vale lembrar que, sendo este um estudo variacionista, testes estatísticos são feitos a fim de que se compreenda a variação, quando reconhecida. Há, desse modo, uma quantidade mínima de dados para a análise quantitativa – 30 dados – (GUY, 1980), o que justificará o foco da nossa análise sobre as variantes aqui apresentadas. Por detrás dessa convenção numérica, há uma teoria: não basta que uma forma seja gramatical; é preciso que ela seja também viável, apropriada e, de fato, realizada, ou seja, empregada pelo falante (HYMES, 1972), sendo os 30 dados o limite estipulado por Guy (1980) e por aqui considerado para incluirmos a variante na análise estatística e no rol de empregabilidade, proposto por Hymes (1972).

Este artigo se divide do seguinte modo: em 2.1, falaremos sobre o papel da faixa etária nos estudos sociolinguísticos. Na subseção 2.2, faremos uma breve retomada de estudos sobre condicionais e em 2.3 falaremos sobre o estudo da alternância verbal no interior desse tipo de arranjo. Posteriormente a isso, traremos os procedimentos metodológicos empregados (seção 3). Em seguida, seguiremos para a análise dos dados (seção 4). Nossas considerações finais (seção 5) culminam na discussão que está subjacente ao título deste texto: a variável faixa etária, no interior do estudo da alternância verbal em orações condicionais, nos mostra índices de pressão social e/ou mudança em curso?

2 Fundamentação teórica

2.1 O estudo da faixa etária em estudos sociolinguísticos – breves considerações

Ao observar se determinado fenômeno em variação constitui uma mudança linguística em processo, visto que esta pressupõe um estágio anterior daquela, a pesquisa sociolinguística pode estudar o fenômeno em duas perspectivas: (i) perspectiva diacrônica – análise em tempo real; (ii) perspectiva sincrônica – análise em tempo aparente (LABOV, 1972). No que se refere à análise em tempo aparente, essa compara o comportamento de falantes segundo, entre outras variáveis, a faixa etária à qual pertencem. Com um estudo sincrônico que leve em conta a idade dos informantes, percebemos uma mudança em curso[‡] ou um caso de variação em que formas

quando usarmos o termo variação ao longo do texto, estaremos assumindo o fenômeno como variável (LABOV, 1972; LAVANDERA, 1984).

[‡] Embora um estudo em tempo aparente possa sugerir uma mudança em curso, apenas um estudo em tempo real (de longa ou curta duração) pode efetivamente chegar a essa conclusão.

são utilizadas diferentemente de acordo com a idade, porque é característico de tais faixas etárias que isso ocorra, em qualquer geração.

Quando se trata da atuação de fatores sociais sobre fenômenos em variação, sabe-se *a priori* que estamos lidando com variáveis não totalmente independentes. A avaliação de como interagem aspectos como classe social, idade, sexo/gênero, escolaridade se torna parte essencial da análise. Oliveira e Silva e Paiva (1996, p. 371) defendem que: “a variável mercado ocupacional (...) é, juntamente com o nível de escolarização, um dos componentes do mercado linguístico”. Ao retomarem trabalhos já realizados em torno das variedades de maior ou menor prestígio e suas correlações com a idade, escolaridade, e outros aspectos sociais, as autoras nos mostram que há uma correlação direta entre as formas prestigiadas e o mercado linguístico: o emprego das formas padrões é mais frequente entre aqueles falantes com idade de maior inserção no mercado de trabalho. O efeito desse fator mostra-se especialmente significativo entre os falantes “acima de 45 anos” (OLIVEIRA E SILVA; PAIVA 1996, p.372). Segundo Oliveira e Silva e Paiva (1996, p. 350), “o estudo da correlação entre idade e variação linguística aponta para duas direções básicas: a relação de estabilidade entre variantes linguísticas – um fenômeno varia, mas não muda – ou a existência de mudanças na língua”. É por isso que a comparação da produção linguística de pessoas de diferentes idades deve revelar muito acerca do nosso fenômeno linguístico (CHAMBERS, 2003).

2.2 O universo de estudo – as orações condicionais

Chamamos de oração condicional, condicionante, antecedente ou prótase a oração de cujo conteúdo proposicional depende semanticamente o conteúdo proposicional da outra oração: a condicionada, a consequente ou a apódose, também denominada pela tradição gramatical por ‘principal’ (MATEUS et al., 2003). Para Ilari e Basso (2008, p. 313), “a função do período hipotético é indicar que a verdade de um certo conteúdo proposicional é garantia de verdade do outro, ou, equivalentemente, que nós estamos condicionando a verdade de um conteúdo à verdade de outro”. Há, portanto, nesse universo hipotético onde se inserem as condicionais, a chance de fazermos remissão para “um mundo possível, criado linguisticamente pelo enunciado, epistemicamente não acessível no intervalo de tempo da enunciação” (MATEUS et al, 2003, p. 707), estando a realização do conteúdo proposicional da oração consequente (apódose) dependendo da antecedente, da garantia de verdade do conteúdo desta.

Vem, por conseguinte, merecendo destaque, nos estudos sobre as condicionais, os diferentes graus de hipoteticidade manifestados por cada construção, ou seja, a “possibilidade de realização do conteúdo da apódose, dada a realização ou verdade da condição expressa na prótase” (NEVES, 1999, p. 497-498). Nem sempre há consenso sobre os critérios para se classificar o grau de certeza epistêmica de um enunciado, pois ora a hipoteticidade é assumida como ligada à asserção do falante em relação ao enunciado (GIVÓN, 1995; AKATSUKA, 1986; DANCYNGIER, 2004) e ora como intervalo de tempo entre as duas orações (a subordinada e a principal) (COMRIE, 1986; NEVES, 1999; 2000, GRYNER, 1990, 2008). No primeiro caso, quanto mais forte é a asserção do falante em um enunciado, menos hipotético e, portanto, mais real seria. Assim,

o falante comunicaria uma verdade na prótase e uma consequência dessa verdade da apódose. Uma oração menos assertiva seria mais hipotética, dada a baixa possibilidade de a condição se concretizar. Isso se daria via comunicação de uma falsidade segura comunicada já na prótase (irreais); as com asserção mediana seriam aquelas cuja prótase repousa sobre a eventualidade, de maneira que o enunciado da apódose seria somente aceito como certo desde que, eventualmente, satisfeita a condição da prótase (potenciais). Nas irreais, Neves (1999) nos apresenta o seguinte exemplo:

(1) A imagem que eu fazia era a seguinte se o Japão fosse uma Birmânia, por exemplo que é um dos países atrasados, as economias industriais que ganharam a Segunda Guerra não teriam ajudado o Japão, quer dizer de outra maneira, se o Japão fosse a Birmânia né? §

Segundo Neves (1999, p. 524), primeiro enuncia-se como não-existente um estado de coisas: o Japão **não é** uma Birmânia (prótase); “a partir daí, enuncia-se como **consequentemente** não-existente outro estado de coisas que dele dependia: as economias industriais que ganharam a Segunda Guerra **ajudaram** o Japão” (grifos da autora). Ou seja, vemos a negação da negação: “não teriam ajudado” implica que, de fato, *ajudaram*.

Por conseguinte, nas irreais, verifica-se, no intervalo de tempo, a falsidade do consequente. Tanto na apódose quanto na prótase das orações ditas potenciais (ou eventuais nos termos de Neves (1999)) e irreais (ou contrafactuais (NEVES, 1999)), há uma noção de forte consequência na apódose; já nas reais (ou factuais (NEVES, 1999)), a noção mais saliente é a de conclusão e, portanto, de concomitância. As potenciais, contudo, guardam a eventualidade dos eventos, enquanto as irreais demonstram a falsidade.

No exemplo utilizado por Neves (1999), há uma perífrase de mais-que-perfeito do indicativo (teriam ajudado), que mostra um aspecto conclusivo. Porém, outros tempos verbais na apódose também devem mostrar a falsidade do enunciado. Isso porque, como explicam Tapazdi e Salvi (1998, n.p.), os períodos hipotéticos, em especial os contrafactuais, não são controlados rigidamente e somente por concordâncias de modos e tempos verbais, mas sim por um “efeito semântico complexo que deriva da interação da morfossintaxe com o conteúdo proposicional da prótase e da apódose e com o contexto linguístico e extralinguístico”.

(2) Se a Paula fosse russa, não teria que aprender russo.

(3) Se vocês lessem os jornais, saberiam o que se está a passar.**

Tanto em (2) como em (3), a falsidade da apódose é assegurada, não pela concordância entre os verbos necessariamente, mas pelos pressupostos extralinguísticos recuperados. Fica claro, portanto, que Paula não é russa e que as pessoas não leem os jornais, de modo que Paula tem que aprender russo e que as pessoas não sabem o que está se passando.

§ Exemplo extraído de Neves, 1999, p. 524.

** Exemplos extraídos de Tapazdi e Salvi (1998, n.p.).

2.3 O objeto de estudo – a alternância verbal

Neves (1999), apoiando-se em Renzi (1991), assume valores para as formas verbais: o uso do indicativo na prótase assinala a possível verdade dos conteúdos, enquanto o uso do subjuntivo assinala a possível falsidade. Em orações como “Eu acho que se **sair** antes das seis horas da manhã sai melhor”, o uso de “sair” na prótase assinala a potencialidade do enunciado. Porém, sendo essas – as potenciais – consideradas as hipotéticas prototípicas, porque nelas é que está a dúvida (NEVES, 1999), perguntamo-nos se não seria a modalização expressa especialmente pelo verbo “achar” que confere dúvida ao enunciado. Mantendo a mesma estrutura, mas alterando a forma verbal de subjuntivo para indicativo, o caráter eventual se manteria (leia-se: “Eu acho que se **sai** antes das seis horas da manhã sai melhor”).

Por conseguinte, vemos que a “questão da motivação semântica subjacente à escolha do modo verbal fundamenta a discussão sobre o emprego do subjuntivo na tradição gramatical, e é retomada (e muitas vezes mantida) em estudos descritivos” (BERLINCK, 2017). Assumir que diferentes formas verbais são empregadas em um mesmo contexto para imprimir distintos significados seria não reconhecer que há um processo de variação motivando os usos. Poplack et al. (2013) referem-se a esse discurso de que cada forma possui uma função em níveis mais altos de análise como uma “doutrina de simetria forma-função” (*doctrine of form-function symmetry*), doutrina essa que necessita ser ultrapassada^{††}.

Obviamente, não podemos excluir a possibilidade de haver distintos valores semânticos atrelados a uma ou outra forma verbal, pelo menos em certos contextos. Todavia, essa tem sido a interpretação exclusiva dada à alternância verbal em condicionais quando reconhecida especialmente pela tradição, de modo que a variação dificilmente é mencionada nesses casos. É o que está por trás do que Rocha Lima (1998) diz: reconhecendo “se” como a conjunção condicional prototípica, este enfatiza que o período hipotético inserido por ela requer o verbo no subjuntivo (seja pretérito imperfeito, mais-que-perfeito ou futuro), mas que “é lícito trazê-lo no indicativo, quando denota fato real, ou admitido como real” (LIMA, 1998, p. 263).

Destacamos que o discurso da motivação semântica subjacente às escolhas das formas verbais não se refere exclusivamente ao contexto da prótase, e nem focaliza apenas a alternância entre modos. Encontramos o mesmo discurso sobre formas na apódose (o imperfeito do indicativo pelo futuro do pretérito, por exemplo):

Não considerando a influência da norma culta que em certos casos recomenda o uso do futuro do pretérito, pode-se dizer que a escolha do falante, ao organizar seu discurso, será controlada pelo seguinte: se ele vê o fato como certo, mas afastado da realidade usará o pretérito imperfeito do indicativo; mas se ele vir o fato como apenas hipotético, provável, possível (portanto outra modalidade) usará o futuro do pretérito. (TRAVAGLIA, 1987, p. 71)

Por outro lado, há estudos descritivos que já comprovaram a possibilidade de formas verbais estarem em variação no Português Brasileiro (doravante PB) (DOMINGOS, 2004; CALLOU; ALMEIDA, 2009; PIMPÃO, 1999, BERLINCK, 2017, entre outros). Um exemplo pode ser visto em Pimpão (1999), que avaliou

^{††} Conferir também a polêmica Labov-Lavandera (CAMACHO, 2010).

formas verbais do presente do subjuntivo com o presente do indicativo no PB. Segundo a autora, para que haja variação, é preciso haver neutralização do significado subjetivo do falante. O grau de incerteza veiculado pela construção analisada, segundo Pimpão (1999), pode ser identificado mediante diferentes recursos linguísticos (como os verbos “esperar”, “querer” ou expressões linguísticas como “até que”, “pode até” etc.). Como veremos no exemplo a seguir, retirado de Pimpão (1999, p. 15), há a materialização de uma forma do presente do indicativo, usada como forma variante do subjuntivo.

(4) E porque a gente já falou, né? se for mulher eu escolho, se for homem ele escolhe. Espero que ele escolhe um nome bonito, né? pra depois o filho não reclamar quando crescer. (FLP 06, L1635)

É visível que a tradição gramatical define contextos em que verbos como “esperar” e “querer” são considerados os regentes prototípicos do subjuntivo. O uso desse modo representaria, então, um certo efeito de concordância semântica entre os verbos da principal e da encaixada, algo que muito se assemelha ao processo de concordância de número no PB. Isto é, a ausência de marca de concordância redundante (no determinante e no determinado – Ex.: “os menino”) não implica em perda de noção de plural. Processo análogo pode estar acontecendo no interior das condicionais: o uso, por exemplo, do subjuntivo nas condicionais, em certa medida, representaria uma redundância de marcação de “dúvida”[‡].

3 Metodologia

A partir de uma abordagem variacionista, o estudo empírico do fenômeno toma como instrumento de análise a metodologia da Sociolinguística Laboviana (LABOV, 2008[1972]; MILROY; GORDON, 2003; TAGLIAMONTE; 2006). Analisamos as formas verbais presentes em condicionais encabeçadas pela conjunção condicional prototípica do PB – “se” – e que se encontram no Iboruna – banco de dados de registro oral do projeto Amostra Linguística do Interior Paulista (ALIP) (GONÇALVES, s.d). Nossa coleta foi feita no interior da Amostra Censo, a qual foi construída segundo rigorosos critérios sociolinguísticos, reunindo 152 entrevistas sociolinguísticas que atendem aos seguintes critérios: 5 grupos etários (7-15 anos; 16-25 anos; 26-35 anos; 36-55 anos e mais de 55); 4 níveis de escolaridade (Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II, Ensino Médio, Ensino Superior); sexo/gênero (feminino, masculino) e renda (até 5 salários mínimos (SM), de 6 a 10 SM, de 11 a 24 SM e mais de 25 SM).

Para chegarmos ao envelope “final” de variação, observamos os tipos de condicionais (real, irreal ou potencial) com base no teste via paráfrase de substituição da conjunção “se” por outras (*já que* para as reais, *se por acaso* ou *sempre que* para as potenciais e irrealis) (NEVES, 1999; GRYNER, 2008), operando com a noção de pressuposição (STALNAKER, 1978, 2002). O pressuposto, segundo Stalnaker (2002), refere-se a um fundo comum, ou seja, às ferramentas utilizadas pelos locutores para resgatar os referentes comuns entre os interlocutores. Para Grice (1982), o fundo comum pelo qual as pessoas falam uma com as outras é, naturalmente,

[‡] Câmara Jr. (1979) classificou o subjuntivo como mais uma “servidão gramatical” de que dispõe o PB.

variado e complexo. Contudo, é possível assumir que há algumas atividades comuns na prática conversacional, em que pessoas dizem “coisas” para que outras pessoas saibam “coisas” que não sabiam antes e adquiram certas informações específicas.

Em níveis práticos, uma construção como “Se José tem dinheiro, por que ele não compra uma ilha?” tem um pressuposto distinto de “Se José tem dinheiro, ele compra uma ilha”. Embora estejam descontextualizadas, o que inferimos, *a priori*, é que, na primeira, o pressuposto é de que José tem dinheiro. Tal construção poderia ser parafraseada por “[já que] José tem dinheiro, por que ele não compra uma ilha?”. Já na segunda, o pressuposto é diferente: embora, para essa construção, a descontextualização prejudique ainda mais a interpretação, há a possibilidade de haver dois pressupostos. O primeiro é de que José não tem dinheiro no momento em que essa construção foi hipoteticamente produzida; tal arranjo poderia ser parafraseado por “[se por acaso] José tem dinheiro, ele compra uma ilha”. O segundo pressuposto é de que sempre que José tem dinheiro, ele compra uma ilha, dada a noção genérica e iterativa que ao presente do indicativo se associa, nesse caso. Contudo, esse segundo pressuposto não parece ser facilmente aceitável fora do contexto, sem sabermos quem é José, o que faz e onde vive, pois, socialmente, e imaginando-se a realidade brasileira, não se imagina que pessoas comprem ilhas a todo momento. Trocar o complemento ilha por balas na venda parece fazer com que esse segundo pressuposto seja facilmente aceito: “Se José tem dinheiro, ele compra balas na venda” / “[sempre que] José tem dinheiro, ele compra balas na venda”.

Percebemos, portanto, que a noção de pressuposto (STALNAKER, 1978, 2002) é extremamente importante para captarmos as nuances de cada arranjo condicional. Tais construções, embora descontextualizadas, corroboram o fato de que não apenas a combinação modo-temporal seja responsável por valores tradicionalmente associados a elas, mas todo o conjunto do arranjo produzido pelo falante. Um arranjo ‘presente-indicativo’/‘presente-indicativo’ é prototípico de uma condicional real, mas, considerando os demais elementos presentes na sentença (até mesmo a escolha lexical, pelo que ela implica em termos de conhecimento de mundo), em termos de composicionalidade, é possível que ela seja potencial. A seguir, ilustraremos com exemplos e com paráfrases o que consideramos como oração potencial, real e irreal:

[REAIS]

(5) Inf.: e eu pra te falá(r) a verdade... se você **tá** aqui você num **tá** à toa... tá... se eu hoje tô falan(d)o de Jesus pra você... é porque você tá ten(d)o a oportunidade... de conheCÊ(r) o nome do Senhor porque eu já ouvi falá(r) pra mim...

PARÁFRASE: [JÁ QUE] você **tá** aqui você num **tá** à toa...

[POTENCIAIS]

(6) Inf.: Se num **fizê(r)** um negócio muito bem feito... **vai ficá(r)** pior ainda. (AC-119, L.46)

PARÁFRASE: Se [POR ACASO] num **fizê(r)** um negócio muito bem feito... **vai ficá(r)** pior ainda.

[IRREAIS]

(7) Inf.: Ex.: Inf.: lógico... se fosse comigo tam(b)ém eu:: já **entrava** em pânico... (AC-054; NR: L.116-117)

PARÁFRASE: se [POR ACASO] fosse comigo tam(b)ém eu:: já **entrava** em pânico...

O primeiro fato para o qual chamamos a atenção é: tanto para as irreais quanto para as potenciais, a paráfrase utilizada para diferenciar essas das reais é a mesma (*por acaso*); a diferença entre potenciais e irreais reside na falsidade assegurada nas segundas, como já mencionado. Nas primeiras, o fato fica em suspensão, ou

seja, na eventualidade, tal qual propõe Neves (1999). Já nas segundas, a falsidade na prótase e na apódose se comprova (“se fosse comigo”, mas “não foi comigo”, como se vê em 7).

Os tipos de condicionais constituem universos distintos um dos outros, portanto é preciso encará-los como contextos distintos de variação para que possamos observar quais combinações se encontram dentro de cada um (nas irreais e potenciais). Obviamente, não se espera que apenas essa subdivisão seja suficiente para dizer que determinada combinação modo-temporal esteja em variação com outra, seja dentro do universo real, potencial ou irreal. Contudo, outras nuances semânticas nas combinações avaliadas estatisticamente são encaradas como correlacionadas ao fenômeno, ou seja, avaliadas como variáveis independentes^{§§}.

Como o objetivo deste texto é apresentar, essencialmente, os resultados a que chegamos quanto à faixa etária dos falantes, visto que foi a variável social mais significativa nos testes estatísticos realizados, as etapas pelas quais passamos para chegar aos dados variáveis ou às análises multivariadas ficam para outro momento^{***}. Cabe, contudo, salientar que tanto nas potenciais quanto nas irreais, há contextos categóricos para o uso de uma ou outra combinação, bem como contextos variáveis. São esses segundos que nos interessam e que são levados em conta nas análises que se seguem, com especial enfoque para a já mencionada faixa etária.

Acerca das combinações modo-temporais que compõem nosso envelope de variação, apoiamo-nos na noção de Competência Comunicativa (HYMES, 1972) e adotamos um método empírico, pois avaliamos as combinações de fato mais empregadas. Sendo o componente gramatical um dos aspectos da competência, é preciso, de acordo com Hymes (1972), transcender o limite estrutura-forma, integrando a teoria linguística a uma teoria de comunicação e cultura. Isso posto, uma forma, além de (i) formalmente possível (gramatical), deve ser também (ii) viável (adequada em contextos estruturais), (iii) apropriada (adequada em contextos sociais) e, de fato, (iv) realizada (usual). Todos os quatro aspectos são dependentes entre si, de modo que uma forma pode ser gramatical, viável, apropriada, mas não necessariamente utilizada por um falante. Diferentemente, se uma forma é empregada amiúde, essa é também apropriada, viável e possível. Ou seja, os atributos são cumulativos e estão dispostos numa escala implicacional: uma forma somente é viável se for possível, apropriada se for viável e empregada se for apropriada. Nosso universo de estudo se definirá pelo subconjunto de “formas empregadas”, que contém todos os demais atributos.

Por fim, embora falemos dos três contextos de variação, trabalharemos, com o auxílio da linguagem de programação R (CORE TEAM, 2017), neste texto, apenas com as potenciais e irreais. Isso porque o total de combinações nas reais mostra-se insuficiente para a análise estatística que nos propusemos aqui apresentar.

4 Análise dos dados

4.1 Visão geral dos resultados

^{§§} Para Paiva e Scherre (1999, p. 210), quando se trabalha além da descrição, outros tipos de significados, e mesmo nuances de significado referencial, podem ser tomados como variáveis independentes.

^{***} Uma análise detalhada pode ser vista em Brandão (2018).

Primeiramente, embora não estejamos lidando com um fenômeno propriamente estigmatizado, há formas consideradas mais prestigiadas, geralmente associadas a discursos mais elaborados, como o emprego do subjuntivo pelo indicativo, por exemplo, ou o futuro sintético pelo analítico. Assim, aos primeiros se atribui maior *status* (LEÃO, 1961; GRYNER, 1990, 2008).

Por conseguinte, de um universo com 914 orações condicionais extraídas do ALIP, com 27 combinações modo-temporais, após análises preliminares, chegamos a 160 dados de irrais e 509 de potenciais. Com isso, falaremos acerca da variação das combinações modo-temporais no interior de cada um dos dois contextos separadamente, com ênfase nos resultados obtidos com a variável faixa etária.

4.2 Variação no interior das condicionais irrais

Após análises preliminares, chegamos a um total de 3 combinações em 160 dados variáveis de condicionais irrais, quais sejam:

Quadro 1 - Variável dependente nas condicionais irrais

Combinação	Exemplo	Frequência/Proporção
IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO + IMPERFEITO DO INDICATIVO	a turma tá pagan(d)o uma coisa que ele GOSTa de vê(r)... se ele num gostasse ele num fosse/ ele num ia no campo num tinha num tinha esses al/ alto salário que ta/ tá ten(d)o... então é:... tem que aproveitá(r) agora (AC-131; L. 256-260)	63 – 39%
IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO + IA+INFINITIVO	você acha que esse cara esse MÁximo de dezoito anos VAI FICÁ(R) com a menina?... entendeu? num VAI ficá(r) num VA::I porque...um cara de dezoito anos num qué(r) assumí(r) nada com menininha... nem com ninguém entendeu? Porque se ele quisesse assumí(r) alguma coisa ele num ia procurá(r) uma criança... (AC-22; L.289-294)	45 – 28%
IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO + FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO	e falei – “eu num iria ... se eu tivesse {com medo}”. (AC-63; L. 408)	52 – 33%

Fonte: Própria

A combinação mais utilizada pelos informantes foi imperfeito do subjuntivo + imperfeito do indicativo. Ainda que haja um discurso de que o uso de uma forma por outra em contexto de condicionais irrais teria motivações semânticas, como vimos nas palavras de Travaglia (1987), também nas palavras dele, vemos que a tradição recomenda o uso do futuro do pretérito nas apódozes. É, portanto, inegável que ao futuro do pretérito se atribua maior *status* que ao imperfeito do indicativo nesses contextos.

Não há, no quadro 1, outro modo verbal na prótase que não o subjuntivo, porém encontramos construções com indicativo na prótase, tal como se vê: Inf.: então é uma área muito sacrificada... é uma área que aliás nem nem todos gostam dessa área... a gente trabalha nisso porque a gente precisa me(s)mo... porque se a gente num precisava a gente num trabalhava não. (AC-68; L.206-208). Essas, contudo, ficaram de lado pelo foco deste texto e pela insuficiência de dados.

Dentre as variáveis correlacionadas ao fenômeno – ordem das orações (Se p, q; q se p), ancoragem temporal (CÂMARA Jr., 1956), saliência fônica das formas verbais (POPLACK; LEALEIS; DION, 2013), tipo textual, faixa etária, sexo e escolaridade –, as que se mostraram mais significativas foram ancoragem temporal, ordem das orações, escolaridade e faixa etária^{†††}. Como mencionado desde o início, trabalharemos, neste artigo, com o fenômeno em conjunção principalmente com idade. Vemos que as condicionais, como um todo, ocorreram em menor escala na fala de informantes que tinham entre 7 e 15 anos e em maior escala quando os informantes tinham entre 36 e 55 anos. Na tabela 1, é possível conferir a frequência exata com que cada forma verbal apareceu no *corpus* e sua proporção de uso dentro de cada faixa etária.

Tabela 1 - Frequência e proporção das variantes de acordo com a faixa etária dos informantes

	Futuro do pretérito	Pretérito imperfeito	IA+Infinitivo	Total
7-15 anos	6 - 35%	10 - 59%	1 - 6%	17 - 11%
16-25 anos	13 - 32%	9 - 23%	18 - 45%	40 - 25%
26-35 anos	10 - 29%	17 - 50%	7 - 21%	34 - 21%
36-55 anos	17 - 47%	12 - 33%	7 - 20%	36 - 23%
56 anos ou mais	5 - 16%	16 - 52%	10 - 32%	31 - 20%
Total	51 - 32%	64 - 41%	43 - 27%	158 ^{‡‡} - 100%

Significância: $p = 0,01$ ^{§§§}

Fonte: Própria

Observamos que falantes entre 7 e 15 anos, entre 26 e 35 anos e com 56 anos ou mais usaram em maior escala o imperfeito do indicativo. Falantes com idade entre 16 e 25 anos foram os que mais fizeram uso da perífrase IA+Infinitivo. Já o futuro apareceu em maior escala na fala de informantes que tinham entre 36 e 55 anos. Tais resultados já vão ao encontro do que se propõe para a noção de mercado linguístico (BOURDIEU; BOLTANSKI, 1975), principalmente quando olhamos para o uso da variante dita mais prestigiada – a de futuro, algo de que falaremos mais a diante.

A correlação entre uma variável independente e a dependente não é absoluta para o fenômeno em questão e deve ser considerada em conjunto com outros fatores^{****}. Para Freitag (2005, p.106), “por detrás dos resultados da variável “faixa etária” estão relacionados outros aspectos sociais, tais como rede de relações sociais, mercado de trabalho e escolarização”. Dados os objetivos deste trabalho, e após correlacionarmos outras variáveis à faixa etária, trazemos a seguir um gráfico com um cruzamento entre idade e escolaridade. Apresentamos o comportamento da variante considerada mais prestigiada – futuro do pretérito.

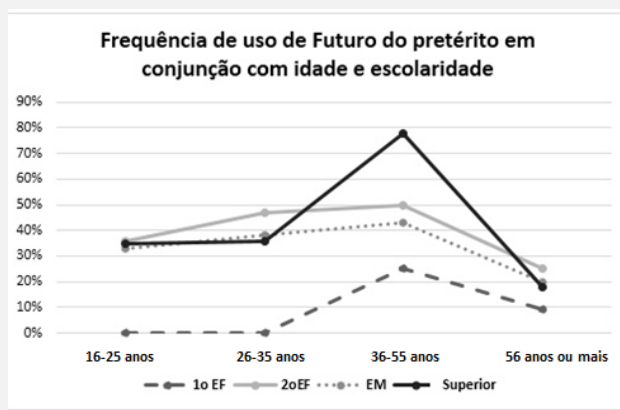
Gráfico 1 - Emprego das formas de FP segundo a Idade e a Escolaridade

††† Testes de regressão logística podem ser conferidos com detalhes em Brandão (2018).

‡‡ Há dois dados a menos na contabilização da idade dos informantes, porque não encontramos a estratificação da idade desses no ALIP (um dado era de FP e outro de IA+Infinitivo).

§§§ Esse valor foi gerado a partir de um teste de qui-quadrado no R. Convencionou-se que um número abaixo de 0,05 representa uma diferença significativa.

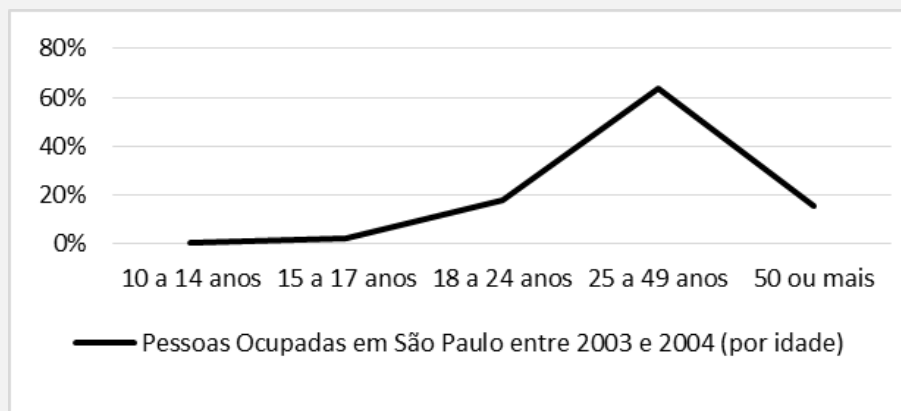
**** Para as irrealis, a correlação mostrou-se relevante. Contudo, para as potenciais, não.



Fonte: Própria

Alguns padrões revelados na figura merecem destaque: (i) a tendência crescente ao uso de futuro do pretérito conforme a faixa etária, atingindo seu ápice entre os informantes de 36 a 55 anos, com uma queda bastante significativa no grupo de 56 ou mais, independentemente do nível de escolaridade do informante e (ii) o comportamento diferenciado dos informantes com 1º Ciclo de EF^{†††}, que não apresentam qualquer uso de futuro entre 7 e 35 anos. Se conferirmos os números informados pelo IBGE entre os anos de 2003 e 2004 (mesma época da coleta dos dados do ALIP), a ideia de que estruturas linguísticas e sociais estão intimamente imbricadas se confirma: basta compararmos o movimento dos dois gráficos.

Gráfico 2 - Pessoas Ocupadas em São Paulo entre 2003 e 2004 (por idade), com base no IBGE



Fonte: IBGE [s/d]

Como vimos, há um padrão curvilíneo de uso da forma mais prestigiada, de modo que pessoas que se enquadram em uma faixa etária intermediária acabam apresentando maiores índices de uso de uma variante mais prestigiada. Para alcançar o significado social desses padrões, recorreremos, então, à noção de mercado linguístico, que vem de Bourdieu e Boltanski (1975) como já mencionado, para quem a ideia de mercado linguístico está associada à competência linguística do falante que, por sua vez, é avaliada como um capital que possibilita um

††† Leia-se EF = Ensino Fundamental e EM = Ensino Médio

sistema de “trocas simbólicas” dentro da sociedade. De acordo com Cruz (1991), a competência dominante funciona como capital linguístico assegurando um ganho de distinção na sua relação com as outras competências, na medida em que os grupos que a detêm são capazes de se impor como únicos, os legítimos, nos mercados linguísticos legítimos (mercado escolar, administrativo, social etc.).

Por conseguinte, trabalhamos com a hipótese de que o grupo etário entre 36 – 56 anos inclui pessoas que estão totalmente inseridas no mercado de trabalho e, conseqüentemente, podem estar sofrendo mais pressões normativas quanto aos usos linguísticos, optando pelo uso de uma variante mais privilegiada – neste caso, o futuro do pretérito. Esse é um fator que pode ter influenciado também no baixo índice de produção de futuro na fala de informantes com 56 anos ou mais, tendo em vista que muitos deles podem não mais estar inseridos no mercado de trabalho e, dessa forma, sofrem menos pressão normativa.

4.3 Variação no interior das condicionais potenciais

No que se refere às potenciais, após a lapidação do envelope, chegamos também a 3 combinações, agora em 509 dados variáveis. O quadro 2 mostra as combinações, o exemplo e a frequência/proporção de uso no interior desse universo.

Quadro 2 - Combinações encontradas nas Potenciais

Combinação	Exemplo	Frequência/Proporção
PRESENTE DO INDICATIVO + PRESENTE DO INDICATIVO	Inf.: Se eu peço truco e você aceita, você perde (AC-21, L.214)	90 – 18%
FUTURO DO SUBJUNTIVO + FUTURO DO INDICATIVO	Inf.: Se der uma hemorragia a coisa vai ficar pior ainda (AC-130; L.101)	120 – 23%
FUTURO DO SUBJUNTIVO + PRESENTE DO INDICATIVO	Inf.: Se não tiver gente supervisionando o povo não trabalha mesmo (AC-105; L.506)	299 – 59%

Fonte: Própria

A primeira questão a destacar é que não encontramos combinações modo-temporais com futuro do presente sintético (Ex.: *comprarei*) nas apódoses. Contudo, diferentemente do que vimos nas irrealis, encontramos o presente do indicativo no lugar do subjuntivo na prótase, ainda que essa combinação seja a que menos tenha aparecido nesse subgrupo (18%). Vale, nesse caso, fazer duas observações. A primeira refere-se ao *status* social das variantes nas potenciais presentes: haveria uma combinação de maior prestígio no interior dessas? A segunda diz respeito ao significado. Indicativo e subjuntivo são modos verbais que coexistem desde o Latim, porém o uso do primeiro pelo segundo “trazia uma mudança na significação” (CAMARA Jr., 1979, p.134). Assim, indicativo e subjuntivo se opunham nitidamente no Latim, sendo aquele o modo responsável por fatos certos e este pela expressão da dúvida, da incerteza. Ou seja, embora houvesse a possibilidade de alternância entre modos,

assegurada pelo sistema linguístico, não estaríamos diante de um caso de variação (LABOV, 1972; LAVANDERA, 1984).

No entanto, não é o que observamos atualmente. A troca de **peço** por **pedir** no exemplo do quadro não parece alterar o pressuposto – a potencialidade da oração se mantém, em detrimento de qualquer chance “real”. Tanto essa variação é verdade que, no *super token* (TAGLIMONTE, 2006) a seguir, há o uso tanto do subjuntivo quanto do indicativo, sem, contudo, que esse intercâmbio afete ou altere o enunciado. Segundo a mensagem do enunciado, em nenhuma das situações hipotéticas a pessoa estaria “queimada”. Isto é, a mudança de uma forma verbal por outra não afeta o grau de certeza epistêmica do enunciado.

(8) Inf.: assim pega a bola normal e taca se a pessoa pegá(r) ((ruído)) agarrá(r) e segurá(r) sem caí(r) no chão... ela num tá queimada... se ela:: pega a bola es-CApa e a o(u)tra pega... e assim salva a bola pega não deixa pingá(r) no chão... NUM TÁ queimada do mesmo jeito... (AC-102; L.500-503)

No que se refere às variáveis correlacionadas às potenciais – quais sejam ancoragem temporal, modalidade da construção, definitude do sujeito, tipo textual, faixa etária, escolaridade e sexo –, ancoragem temporal, definitude do sujeito e faixa etária foram as variáveis mais significativas nas análises multivariadas realizadas. No que se refere à idade dos informantes, notamos uma discussão distinta da que fizemos com as irreais. A tabela 2 traz os resultados.

Tabela 2 - Distribuição das combinações de acordo com a idade dos informantes^{###}

Idade do informante	FS+FI ^{§§§§}	FS+PI	PI+PI	Total
1ª faixa (7 - 15 anos)	8 – 13%	32 – 52%	21 – 35%	61 dados
2ª faixa (16 - 25 anos)	21 – 23%	56 – 62%	13 – 15%	90 dados
3ª faixa (26 - 35 anos)	26 – 24%	58 – 54%	24 – 22%	108 dados
4ª faixa (36 - 55 anos)	43 – 25%	107 - 62%	23 – 13%	173 dados
5ª faixa (56 anos ou mais)	22 – 28%	46 – 60%	9 – 12%	77 dados

Significância: p = 0,01

Fonte: Própria

Como se vê, a combinação FS+PI apareceu em maior escala, em comparação com as demais combinações, em todas as faixas etárias. No que se refere às outras duas combinações, destacamos que falantes entre 26 e 35 anos usaram de forma semelhante tanto FS+FI quanto PI+PI, mas os que têm entre 16 e 25 anos e entre 36 e 45 anos utilizaram mais FS+FI que PI+PI. Vemos que FS + FI apareceu pouco entre os falantes de 7 a 5 anos (11%), enquanto as formas de PI+PI apareceram em 31% dos dados produzidos pelos informantes da mesma faixa etária. Quando saltamos para a última faixa - 56 anos ou mais -, vemos o inverso acontecendo: 24% desses informantes utilizaram FS + FI, enquanto apenas 10% optaram pela combinação PI+PI.

^{###} Não trouxemos os resultados de escolaridade porque essa não foi uma variável selecionada em testes de regressão logística realizados com as potenciais.

^{§§§§} Leia-se FS+FI (futuro do subjuntivo + futuro do indicativo perifrástico); FS+PI (futuro do subjuntivo + presente do indicativo); PI+PI (presente do indicativo + presente do indicativo)

TENDÊNCIA VISTA PELO RESULTADO GERAL:
Informantes com idades entre 7 e 15 anos: FS+PI > PI+PI > FS+FI
Informantes com 56 anos ou mais: FS+PI > FS+FI > PI+PI

Uma interpretação para esses resultados refere-se a um aparente processo de mudança em curso, em que o presente passa a ser inserido, pouco a pouco, na fala de informantes mais jovens, enquanto os mais velhos optam por uma forma com futuro, ainda que perifrástico. Diferentemente do que ocorre com as irreais, o processo de mudança estaria mais avançado. De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968], p. 124-125),

Uma vez que a mudança linguística está encaixada na estrutura linguística, ela é gradualmente generalizada a outros elementos do sistema. [...] Por fim, a completção da mudança e da passagem da variável para o *status* de uma constante se fazem acompanhar pela perda de qualquer significação social que o traço possuía.

Embora apenas um estudo em tempo real comprove, de fato, nossa hipótese, é inegável que o contraste estabelecido no interior das potenciais é distinto das irreais. Além disso, tanto esse avanço é verdade que já não encontramos nas potenciais a forma de maior prestígio: o futuro sintético. No que se refere à combinação de FS+PI, nossa hipótese é a de que essa combinação seria uma forma “menos marcada”, “curinga”, por isso seu uso se dá em alta escala em todas as faixas etárias.

5 Considerações finais

[...] um sistema em que todos os termos são solidários e [que] o valor de um resulta tão somente da presença simultânea de outros.” (SAUSSURE, 2006, p. 133)

Somente há contraste entre uma forma de maior prestígio e as demais quando aquela se realiza. Tal fato se articula com a epígrafe que abre esta seção. A simultaneidade de formas é condição *sine qua non* para que possamos estabelecer valor entre elas****: nas irreais, encontramos uma forma de maior prestígio; nas potenciais, não.

A partir dos resultados obtidos com as irreais e as potenciais, consideramos que a alternância verbal nos dois contextos se encontra em momentos distintos de um possível processo de mudança. Porém, a direção da mudança parece ser semelhante nos dois casos, de modo que um esquema de nossa hipótese, a qual, atualmente, está em teste por um estudo diacrônico, pode ser visto a seguir:

Figura 1 - Projeção de mudança de formas verbais nas condicionais potenciais

**** Vale lembrar que Saussure não se referia ao valor social das formas, tal como postula a Sociolinguística.

Percurso de variação linguística nas condicionais *potenciais*

- (1) [sempre que/ se por acaso] *Se José tiver dinheiro, ele comprará/irá comprar uma ilha.*
 - (2) [sempre que/ se por acaso] *Se José tiver dinheiro, ele vai comprar uma ilha.*
 - (3) [sempre que/ se por acaso] *Se José tiver dinheiro, ele compra uma ilha.*
 - (4) [sempre que/ se por acaso] *Se José tem dinheiro, ele compra/vai comprar uma ilha.*
-

Fonte: Própria

Como visto, não encontramos construções do “tipo” 1 (cf. figura 1) em nossos dados sincrônicos. Contudo, sabe-se que elas ainda existem na língua, ainda que em contextos muito formais de fala e principalmente de escrita. A hipótese é a de que, por um período de tempo, ao longo de alguns séculos, a combinação prototípica para imprimir potencialidade à condicional seria formada a partir de subjuntivo na prótase e futuro do indicativo sintético na apódose. Com o passar do tempo, no curso gradual e contínuo de mudança linguística, outras formas surgiram, como as formas de futuro perifrástico e de presente futurizado na apódose (cf. tipo 2, figura 1). À medida que a nuance semântica de potencialidade vai se estabilizando com outras formas menos prototípicas em apódoses, como as de presente (“compra”, cf. tipo 3, figura 1), a prótase passa a ter variação também. Assim, haveria uma preferência da forma “tem” a “tiver” (cf. tipo 4, figura 1) nas prótases. Nesse caso, a preferência por uma forma de indicativo à de subjuntivo tem se mostrado uma tendência entre as línguas românicas (POPLACK et al., 2018).

Nas irrealis, a discussão é ainda anterior, por isso podemos estabelecer uma relação de seu uso com a alta cotação de mercado ocupacional sobre os falantes. Nessas, por se encontrarem em um estágio ainda anterior de mudança, o uso do futuro do pretérito ainda se encontra na fala e, pelo valor social que ao futuro sintético se associa, o contraste entre esse e as demais formas é distinto. Porém, a projeção de direção de mudança, observada na figura 2, segue na mesma direção do que se observa nas potenciais.

Figura 2 - Projeção de mudança de formas verbais nas condicionais irrealis

Percurso de variação linguística nas condicionais *irrealis*

- (1) *Se José tivesse dinheiro, ele compraria/iria comprar uma ilha.*
 - (2) *Se José tivesse dinheiro, ele ia comprar uma ilha.*
 - (3) *Se José tivesse dinheiro, ele comprava uma ilha.*
 - (4) *Se José tinha dinheiro, ele comprava/ia comprar uma ilha.*
-

Fonte: Própria

Tais generalizações mostram indícios de que há processos paralelos de variação e uma aparente mudança ocorrendo tanto na apódose quanto na prótase das condicionais potenciais e irreais. No caso das irreais, na apódose, teríamos formas sintéticas de futuro concorrendo com formas perifrásticas de mesmo tempo-modo (“Se José tivesse dinheiro, compraria/iria comprar uma ilha”). Em seguida, perífrases formadas a partir de IA+Infinitivo (“ir” flexionado no pretérito imperfeito do indicativo – “ia”) passam a concorrer com essas formas verbais também, e, em sequência, com a de imperfeito do indicativo. Também na prótase teríamos formas no imperfeito do indicativo (“tinha”) e não apenas no imperfeito do subjuntivo (“tivesse”), como se vê na figura 2, acima, na passagem do tipo 3 para 4.

Gryner (2008), em estudo sobre as condicionais reais e potenciais, afirma que não observou o comportamento verbal dentro das irreais porque essas se inseririam apenas com o imperfeito do subjuntivo na prótase, de maneira que não seria possível uma variação propriamente dita, já que o uso do subjuntivo é categórico nesses casos, cedendo a essas condicionais um espaço reservado das demais. Entretanto, em trabalho realizado anteriormente (BRANDÃO, 2015), o qual nos permitiu criar a hipótese acerca do processo de mudança, encontramos condicionais com o imperfeito do indicativo na prótase, como no exemplo já reproduzido e aqui recuperado: “Inf.: então é uma área muito sacrificada... é uma área que/ aliás nem ne/ nem todos gostam dessa área... a gente trabalha nisso porque a gente precisa me(s)mo... porque se a gente num precisava a gente num trabalhava não.” (AC-68; L.206-208)

A noção de irrealidade (GIVÓN, 1995) se mantém na condicional, embora tenhamos uma forma de imperfeito do indicativo na prótase. Sendo assim, uma substituição por “se a gente num precisasse, a gente num trabalhava não” não parece alterar tal irrealidade. Vejamos que a noção que entrevê a sentença produzida pelo informante e da sentença parafraseada é a da irrealidade, independentemente da alternância da forma verbal, constituindo, portanto, um caso de variação linguística e possível mudança em curso, ainda que lenta e gradual, tal como postulou Weinreich, Labov e Herzog (1968).

Por fim, os resultados obtidos reforçam a complexidade por detrás do estudo da variável faixa etária que, mesmo avaliada em relação a um mesmo fenômeno, pode nos mostrar padrões distintos e, portanto, interpretações distintas. Essa variável pode nos mostrar, portanto, principalmente quando correlacionada a outras, tanto as pressões sociais que determinados grupos sofrem quando há uso de uma variante considerada de maior prestígio (como no caso das irreais) quanto uma aparente mudança mais avançada (potenciais), em que as variantes não possuem, necessariamente, a marcação de maior *status*, visto que a forma consagrada pela norma já se encontra quase em desuso na fala menos monitorada.

Referências

AKATSUKA, N. Conditionals are Discourse-Bound. In: TRAUGOTT, E. C.; MEULEN, A. ter; REILLY, J. S.; FERGUSON, C. A. (Eds.). **On Conditionals**. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1986. p. 333-352.

BERLINCK, R. de A. **Prescription and Use in the History of the Brazilian Portuguese Subjunctive - Relatório de Atividades de Estágio Pós-Doutoral (FAPESP/ Proc. nº 2014/02414-0)**. 2015.

_____. **Subjuntivo vs indicativo em orações completivas: percurso diacrônico no português brasileiro.** Relatório de pesquisa entregue à FAPESP; 2017.

BOURDIEU, P.; BOLTANSKI, L. **Le titre et le poste: rapports entre le système de production et le système de reproduction.** Actes de la Recherche em Sciences Sociales. 1975.

BRANDÃO, S. M. **Variação em formas verbais:** um estudo sociolinguístico da alternância entre futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo no português paulista. 2015. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/138994>>. 2015.

_____. Mercado linguístico: uma interpretação da Imbricada relação estrutura linguística e Estrutura social. **Linguagem: Estudos e Pesquisas.** L. LING. – Est. e Pesq., Catalão-GO, vol. 21, n. 1, p. 225-255, jan./jun. 2017.

_____. **Alternância verbal em orações condicionais** – um fenômeno variável? 2018. 160 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2018.

CALLOU, D.; ALMEIDA, E. S. **Mudanças em curso no português brasileiro: contrastando duas comunidades.** Textos Seleccionados. p.161-168. Lisboa: APL. 2009.

CAMACHO, R. G. **Uma reflexão crítica sobre a teoria sociolinguística.** DELTA [online]. 2010, vol.26, n.1, pp.141-162. ISSN 0102-4450.

CÂMARA JR., J. M. **História e Estrutura da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Padrão, Prolivro, 1979.

_____. **Uma forma verbal portuguesa:** estudo estilístico gramatical. Rio de Janeiro: Acadêmica 1956.

CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic Theory.** 3. ed. Oxford, United Kingdom, Wiley-Blackwell, 2003.

COMRIE, B. Conditionals: a typology. In: TRAUGOTT, E.C. et al. (Eds.). **On Conditionals.** Cambridge: Cambridge University Press, 1986. p.77-99.

CRUZ, M. de L. O. B. Bourdieu e a Linguística aplicada. *Alfa*, São Paulo, v. 35, n. X, p. 79-84, 1991.

DANCYNGIER, B. **Conditionals and Prediction: Time, Knowledge, and Causation in Conditional Constructions.** Cambridge University Press, 2004.

DOMINGOS, R.F.A. **A influência do contexto (ir)realis na variação do pretérito imperfeito dos modos indicativo e subjuntivo.** Working Papers em Linguística 8: 93-108. UFSC. 2004.

FREITAG, R. M. K. **Idade: uma variável sociolingüística complexa.** Revista Línguas e Letras, v. 6, n. 11 (2005).

GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GUY, G. Variation in the group and the individual: the case of final stop deletion. In: LABOV, W.; SANKOFF, D. **Locating language in time and space**. Academic Press, 1980.

GONÇALVES, S. C. L. **Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista**. Disponível em: <http://www.alip.ibilce.unesp.br/iboruna>.

GRICE, P. H. Lógica e conversação. In: DASCAL, M. (org). **Fundamentos Metodológicos da Lingüística: Pragmática - Problemas, críticas, Perspectivas da Linguística**. Campinas: UNICAMP, 1982.

GRYNER, H. **A variação de tempo-modo e conexão nas orações condicionais do português**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1990.

_____. **Consecutio temporium: tendências em conflito no complexo condicional**, Revista Diacrítica, 2008.

HYMES, D. On Communicative competence. In PRIDE, J. B. e HOLMES, J. (ed.) **Sociolinguistics: selected readings**. Harmondsworth: Penguin, p.269-293, 1972.

IBGE. **Indicadores de inserção da população do Interior de São Paulo no Mercado de Trabalho**. Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pnad_continua/. Acesso em Set de 2016.

ILARI, R.. BASSO, R. M. O verbo . In: ILARI, R.; NEVES, M.H.M. (orgs) **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. Vol. 1: Classes de palavras e processos de construção. Campinas: Unicamp, 2008. p.163-364.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

_____. Where does the linguistic variable stop? A reponse to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistic Working papers**, Austin, Texas, Southwest Educational Development Laboratory, n.44.

_____. Where do grammars stop? In: SHUY, R.W. **Sociolinguistics, Current Trends and Perspectives**. Whashington, DC: georgetorun University Press, 1973. p.43-48.

_____. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

_____. **Principles of Linguistic Change**. Vol. 1: Internal Factors. Cambridge, MA/Oxford: Blackwell Publishers. 1994.

_____. **Principles of Linguistic Change**. Vol. 2: Social Factors. Cambridge, MA/Oxford: Blackwell Publishers. 2001.

LAVANDERA, B. **Variación y significado**. Buenos Aires: Lachette, 1984.

_____. **Where does the sociolinguistic variable stop?** Language in Society, n.7, p.171-182, 1978.

LEÃO, A.V. **O período hipotético iniciado por se**. Belo Horizonte: UFMG, 1961.

LIMA, R. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de janeiro: José Olympio, 1998.

- MATEUS, M.H.M. Et al. **Gramática da língua portuguesa**. 6 ed. Lisboa: Caminho, 2003.
- MILROY, L.; GORDON, M. **Sociolinguistics: method and interpretation**. 4 ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.
- NEVES, M.H.M. As construções condicionais. In: NEVES, M.H.M. (org) **Gramática do Português Falado**. Vol. VII: Novos Estudos. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p.497-544.
- _____. **Gramática de usos do Português**. São Paulo: Unesp, 2000.
- OLIVEIRA, T.P. **As conjunções e orações condicionais no português do Brasil**. Tese de Doutorado, Linguística e Língua Portuguesa. FCL/Ar-Unesp, 2008.
- OLIVEIRA e SILVA; PAIVA. Visão de conjunto das variáveis sociais. In: OLIVEIRA e SILVA; SCHERRE (orgs) **Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- PAIVA, M. C.; SCHERRE, M. M. P. **Retrospectiva sociolinguística: contribuições do PEUL**. Delta, v. 15 n. especial, p. 201-232, 1999.
- PIMPÃO, T.S. **Variação no presente do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática**. Dissertação de Mestrado, Linguística. UFSC, 1999.
- POPLACK, S.; CACOULOS, R. T.; DION, N.; BERLINCK, R. A.; DIGESTO, S.; LACASSE, D.; STEUCK, J. **Variation and grammaticalization in Romance: A cross-linguistic study of the subjunctive**. Disponível em: https://www.academia.edu/26839622/Variation_and_grammaticalization_in_Romance_A_cross-linguistic_study_of_the_subjunctive. 2018.
- _____. LEALESS, A.; DION, N. The evolving grammar of the French subjunctive. **Probus** 25, p.139-193. 2013.
- RENZI, L. (org.) **Grande grammatica italiana de consultazione**. v.2. Bologna, Il Mulino. 1991.
- ROMAINE, S. **On the problem of syntactic variation and pragmatic meaning in Sociolinguistic Theory**. Folia Linguística, 18 (3-4), (409-437), 1984.
- R. CORE TEAM. **“R. A language and environment for statistical computing”** R. Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2017. Disponível em: <http://www.R-project.org/>
- SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SILVA-CORVALÁN, C. **Sociolingüística y pragmática del español**. Washington: Georgetown University Press, 2001.
- STALNAKER, R. Assertion. In.: COLE, P. **Pragmatics: Syntax and Semantics**. New York: Academic Press, 1978.
- _____. **Common ground**. Linguistics and philosophy, vol 25, 701-721, 2002.

SWEETSER, E. Conditionals. In: SWEETSER, E. **From Etymology to Pragmatics**. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1990. p.113-144.

TAGLIAMONTE, S. **Analysing Sociolinguistic Variation**. New York: Cambridge University Press, 2006.

TAPAZDI, J.; SALVI, G. **A Oração Condicional no Português Falado em Portugal e no Brasil**. DELTA [online], v. 14, n. esp, n.p. disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44501998000300017>>. Acesso em: 10 Jun 2015.

TRAVAGLIA, L. C. **Um estudo textual – Discurso do Verbo no Português do Brasil**. Tese apresentada ao departamento de linguística do Instituto de Estudos e Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. CAMPINAS, 1991.

_____. **O Aspecto Verbal no Português: a categoria e sua expressão**. Uberlândia: EDUFU, Universidade Federal de Uberlândia, 1985.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística**. São Paulo: Parábola, 2006[1968].

AGE GROUP VARIABLE - SOCIAL PRESSURE RATE AND/OR LINGUISTIC CHANGE IN COURSE?

X

Abstract:

The age group is among the social variables widely studied by sociolinguists, which includes, in its complexity, the possibility of characterizing a stable variation, a change in progress, incipient or even complete of a certain phenomenon. In an analysis of apparent time (LABOV, 1994) in which we evaluated the alternation of verbal forms in conditional sentences of Paulista Portuguese (BRANDÃO, 2017; 2018), age group showed a significant variable in both (i) potentials ($p = 0.01$) and in (ii) unrealistic ($p = 0.01$) (GIVÓN, 1995). However, its effect occurred differently in each of the two contexts of conditionals, something that can be explained by the status of the variants in each context. In potentials, we do not find use of synthetic futures (will buy); in case of unreal, there is its use (would buy). The hypothesis is that we are faced with distinct stages of a process of linguistic change. In these, verbal forms considered more innovative (go buy and buy) would be more embedded (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968) in the system than the more innovative ones in the unrealistic (buy, buy). In these, because they include synthetic forms, the discussion of age articulates with the notion of Language Market (BOURDIEU; BOLTANSKI, 1975), in those, the age points to an advanced change, although observed in apparent time. The results reinforce the complexity behind this variable that, even when evaluated in relation to the same phenomenon, can show us different patterns and, therefore, different interpretations.

Keywords: Age Group. Change in apparent time. Conditionals

X
